

«COMUNICAÇÃO DE NATÁLIA CORREIA»



O humor corrompe a atitude moral, como conceituação da vida, traz consigo a mais triunfante e séria de todas as recusas: a recusa ao desespero. Os objectos não são aquilo que parecem à óptica deformante do lugar comum, mas aquilo que em plenitude devem ser. A realidade surge e internamente transforma-se. E por este processo de cômico, o humor não só consegue preservar o ser da corrupção, como ainda manter nele, indemne e disponível, o sentido do bem, do belo e do justo. É assim que, instalando-se nas coisas, o homem passa por elas como um libertador. Como Quixote. Como Chaplin. Em ambos, a crítica intuitiva do humor alterando o sinal às percepções, impedindo o desespero e a tragédia.

«DIÁLOGO»

Este auto de Natália Correia, «Comunicação», põe mais uma vez à prova essa técnica tão largamente usada pelos surrealistas — o emprego do humor como actividade crítica. E não há dúvida de que fez bom uso dela. Aliás, ser-lhe-ia mesmo impossível, por circunstâncias absolutamente extrínsecas, enviar até nós essa estranha e alucinada Cotovia, esfinge clara que traz «um país no peito» e as garras enclavinadas de gorgeios inumeráveis:

SERVÇOS DE CENSURA
SUSPENSO
LISBOA

— disse um juiz esverdeado metam a ave na enxovia.
Ser cotovia é um pecado.»

Ainda bem. O poeta é sempre um hereje, uma ave apedrejada na praça pública, onde se exibem os patriotas a bailar o seu repique de finados.

Vestida de sambenito recamado a labaredas de serge vermelho, Cotovia ouve as acusações do Inquisidor (Confessa que és uma harpia/que tens comércio com Venus/e que és o leito de orgia/de poetas obscenos); da Solteirona (Deu-me um lírio preto/como um diamante/Era um amuleto/para eu ter um amante); do Padre (Com as cores de um arco-íris/e uma cadela vadia/fez uma harpa para Osiris/me embruxar a freguesia); do Patriota (Ficou ali como um moscardo/e o sacrilégio do zumbido/era o país como um petardo/a rebentar-me no ouvido). Passam todos como uma horda de loucos apotrofando a limpidez do rio que lhes reflecte os esgares. Mas o pecado maior da Feiticeira é a sua confiança ilimitada e serena na gratuita missão da poesia.

Partindo do descrédito da realidade, o surrealismo apresenta-se viciado por um logro: o recurso à intencionalidade, manifesto no seu processo de atingir a abulia por meio da volição. Como se o mistério, a graça mediúnica, a pureza das primeiras manhãs pu-

Diário ILUSTRADO

N.º 995 11-9-1959
CENSURA N.º 10
ENVIADAS EM 10-9-1959

Diário ILUSTRADO

N.º 995 11-9-1959

CENSURA N.º 11

ENVIADAS EM 10-9-1959



dessem ser surpreendidos por uma escrita deliberadamente automática, por instrumentos demasiado visíveis de alucinações teleguiadas... Inibidos de estruturarem em sistema os seus esquemas doutrinários, os mais conscientes arautos do movimento tiveram de buscar noutros meridianos o clima propício à sua realização. Aragon e Eluard encontraram no realismo social (também limitado por ignorar a face oculta do homem) a dimensão requerida.

Natália Correia, cujo itinerário se inscreve em sentido inverso ao dos dois poetas franceses, veio do neorealismo para um surrealismo epigonal e seródio (recorde-se que o Manifesto de Breton é de 1924), trazendo de um o agudo sentido de responsabilidade social e humana e indo pedir ao outro o influxo das suas excepcionais conquistas no domínio estético, particularmente aquele *oeil sauvage* que permite ao poeta jogar de longe o laço das imagens.

A grande contribuição do surrealismo está efectivamente na descoberta dos poderes criacionistas da metáfora, anterior, como se sabe, à própria linguagem, que podemos considerar um tecido de metaforizações já superadas).

A fé de Natália nos valores eternos da poesia, na sua indiscriminada universalidade (Tanto faz Cristo ou Apolo, Baco ou Osiris, Buda ou Alá), na sua função social, interveniente ou premonitória (É haver Camões como uma revolta/e haver Gil Vicente como um desafio/a esse Encoberto que nunca mais volta), na sua magia órfica (a Feiticeira Cotovia é entregue às chamas como Orfeu às Ménades), no seu profetismo apocalíptico (O último sopro da sua vida vai apagar a lâmpada do sol, sepultando a Lusitânia nas trevas), no seu poder de exorcismo, de vitória definitiva sobre o mal (E tombando-lhe a cabeça, entrega a semente do seu espírito ao vento para que este a lance de novo na terra fazendo germinar futuras cidades), a confiança de Natália Correia na poesia como real absoluto é bem audível nos vários passos deste mistério medieval do nosso tempo.

Mas apesar das múltiplas seduções deste livro, da cristalinidade dos ritmos, da diversidade e riqueza das imagens e sobretudo da qualidade de um humor incidentado de ironia, de sátira e de sarcasmo, sente-se no poema uma luta, não de todo vitoriosa, para eliminar o desajuste entre a psicologia e a linguagem poética.

CARLOS CUNHA

Contraponto, Lisboa, 1959.

SERVICOS DE CENSURA SUSPENSO LISBOA

«DIALOGO»